



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

Crítica à literatura como mercadoria:

uma análise de “Os fanqueiros literários”, de Machado de Assis

Natasha Iagge de Souza Medeiros

Rio de Janeiro

2024

NATASHA IAGGE DE SOUZA MEDEIROS

Crítica à literatura como mercadoria:

uma análise de “Os fanqueiros literários”, de Machado de Assis

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientador: Professor Doutor Carlos Eduardo de Barros Moreira Pires

Rio de Janeiro

2024

CIP - Catalogação na Publicação

M448c Medeiros, Natasha Iagge de Souza.
Crítica à literatura como mercadoria: uma análise de "Os fanqueiros literários", de Machado de Assis /Natasha Iagge de Souza Medeiros. - Rio de Janeiro, 2024.
28 f. ; 30 cm.

Orientador: Carlos Eduardo de Barros Moreira Pires.
Bibliografia: f.26-28.

Trabalho de conclusão de curso(graduação)- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Literaturas, 2024.

1. Machado de Assis. 2. Crônica brasileira. 3. Materialismo histórico-dialético. I. Pires, Carlos Eduardo de Barros Moreira, orient. II.Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca José de Alencar – Faculdade de Letras UFRJ com os dados fornecidos pelo (a) autor(a) formulário online, sob a responsabilidade de Carla dos Santos Martins - CRB-7/6567

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a crônica “Os fanqueiros literários”, de Machado de Assis, publicada no jornal *O Espelho* (1859), à luz de uma abordagem materialista histórico-dialética. Tal necessidade surge da crítica apresentada pelo autor ao mercado literário de seu tempo, como também à reflexão do fazer literário, que foi modificado com a presença do fanqueiro no processo de modernização do Rio de Janeiro. Para essa análise, buscamos compreender o papel da crônica no contexto em que o autor estava inserido, assim como as possibilidades que este gênero proporcionava para um olhar mais crítico à sociedade carioca. Para a construção da análise, teremos como base teórica os estudos de Candido (1992, 2023), Granja (1997, 2000, 2015), Schwarcz (2018) e Benjamin (2012).

Palavras-chave: Machado de Assis, crônica, literatura, materialismo histórico-dialético

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. A POLÍTICA NA PERSPECTIVA DE UM NOVO GÊNERO LITERÁRIO.....	7
1.1. <i>Contexto político.....</i>	<i>7</i>
1.2. <i>A crônica: das miudezas à crítica.....</i>	<i>9</i>
2. AS AQUARELAS MACHADIANAS.....	12
2.1. <i>Os parasitas de Machado de Assis</i>	<i>13</i>
3. "OS FANQUEIROS LITERÁRIOS"	14
3.1. <i>O prosador novato.....</i>	<i>15</i>
3.2. <i>Um tipo curioso</i>	<i>16</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

INTRODUÇÃO

"O jornal apareceu, trazendo em si o gérmen de uma revolução. Essa revolução não é só literária, é também social, é econômica, porque é um movimento da humanidade abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social."

(Machado de Assis – O jornal e o livro)

A crônica desembarcara no Rio de Janeiro como um gênero sem renome, uma nota de rodapé ainda sem muito espaço nos jornais, porém, com o tempo, se tornou um importante espaço de circulação de ideias. Lúcia Granja afirma que “os jornais foram os suportes nos quais as elites locais expressaram o seu desejo de se apropriar das referências europeias para estabelecer sua ruptura com o passado colonial” (2015, p.87), mas também foram nos jornais que escritores, como Machado de Assis, puderam trazer à luz críticas contundentes à sociedade carioca de seu tempo.

Conhecido posteriormente, não somente, por sua ironia ao tratar da sociedade aristocrática que tanto desejava se assemelhar à França, Machado de Assis, desde o início dos seus escritos, mostra um olhar crítico ao corpo social o qual fazia parte. Se na década de 1850 o Rio de Janeiro passava por um processo de modernização forçada para deixar o seu passado colonial para trás, o jovem Machado não deixou que esse processo passasse despercebido pela sua pena e encontrou na crônica – pela ironia, um gênero exportado da França – um modo de refletir e criticar os processos de modernização, se utilizando de assuntos cotidianos.

Em “Os fanqueiros literários”, crônica publicada no jornal *O Espelho* em 1859, a modernidade é antropomorfizada na figura do fanqueiro, um comerciante que visava o lucro em detrimento da qualidade da obra. O narrador-cronista nos apresenta essa “espécie”, em que escolhe por chamar de fanqueiro literário, e desde o início condiciona o leitor a olhá-lo com desconfiança, afinal, este tipo era vaidoso, audacioso e com aspiração a semideus da antiguidade.

Durante todo o decorrer da crônica é possível observar a construção argumentativa do narrador, mostrando ao seu leitor como o fanqueiro era danoso para a literatura. Suas estratégias para tal vão desde o uso de adjetivos pejorativos até à utilização de eventos históricos que funcionam como analogias para seu discurso. O narrador não será nada sutil em alguns momentos, a ponto de sugerir que uma inquisição literária resolveria o problema da baixa qualidade das obras.

Se valendo da sátira, bom humor e intertextualidade, o autor não só traz duras críticas ao fanqueiro literário, mas também apresenta uma consciência muito bem formada sobre o ofício do escritor. A todo momento percebemos como o narrador deixa explícito o quão prejudicial é a fancaria literária, uma vez que ela é responsável por tirar do escritor a dignidade de escrever a partir de sua inspiração, e não por necessidades pecuniárias. A inteligência é reduzida a uma fábrica de Manchester, o talento à máquina.

Diante disso, o presente trabalho se propôs a analisar o modo com o qual Machado de Assis construiu, a partir da narrativa cotidiana, uma reflexão sobre a transformação do fazer literário de seu tempo. A escolha do objeto se deu, especialmente, pelo seu caráter crítico, uma vez que percebemos na crônica uma investigação muito precisa, por parte do autor, sobre a mudança sociocultural vivida na capital do Império. Logo, acreditamos ser necessário dar mais visibilidade para as primeiras crônicas de Machado de Assis, bem como mapear os debates propostos por ele desde sua juventude, que perduraram durante toda a sua carreira como romancista.

Portanto, primeiramente, buscaremos compreender o contexto político brasileiro, o Segundo Reinado, e como a chegada da crônica ao Brasil poderia influenciar na política da época. Posteriormente, apresentaremos alguns apontamentos necessários sobre a crônica, tanto no que diz respeito às características do gênero quanto nas possibilidades que ela apresentada para o escritor. Por fim, a análise da crônica se dará a partir da abordagem materialista histórico-dialética, com a finalidade de compreender como o jovem Machado expõe a problemática da alienação na sociedade oitocentista, derivada de um processo modernizador ferrenho, que impactou o corpo social carioca no século XIX.

1. A POLÍTICA NA PERSPECTIVA DE UM NOVO GÊNERO LITERÁRIO

"Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma idéia especial a esses vocábulos(...)."
(Machado de Assis – A teoria do medalhão)

Antes de adentrarmos na crônica como gênero propriamente dito, é importante contextualizarmos o período em que Machado de Assis iniciou seu percurso como escritor e jornalista nos folhetins, para que assim se compreenda, ou se avalie, a relevância dos textos machadianos escritos ainda na década de 1850. A escolha da crônica como forma para a crítica proposta por Machado de Assis é de interesse para a análise aqui proposta, uma vez que esse gênero textual irá possibilitar estratégias linguísticas para o debate da realidade material oitocentista vivido pelo autor.

1.1. Contexto político

Politicamente, o Brasil do século XIX passava por um momento decisivo. Com a abdicação de D. Pedro I ao trono, em 1831, foi determinante para “a passagem da maioria de seus partidários para as fileiras dos monarquistas, chamados então de ‘conservadores’ —, dois grandes partidos revezavam-se no poder” (Schwarcz; Starling, 2018, p.279). Nesse sentido, num primeiro momento, podemos pensar na disputa entre Liberais e Conservadores, mas, no Segundo Reinado, a busca pela centralização do poder nas mãos do imperador era desejo de ambos os partidos, o que gerou um revezamento de poder entre eles. Assim, refletindo sobre o contexto brasileiro, notamos que o conceito de Liberais e Conservadores não era de tudo preto no branco. O autor Boris Fausto (2019, p.151) ressalta a participação dos Liberais para a chegada de D. Pedro II ao trono, assim como a concordância em manter a escravidão no Brasil. Logo, isso evidencia como a política brasileira oitocentista era homogênea, o que evidenciava particularidades vividas pela sociedade no que diz respeito à política.

Mesmo com D. Pedro II no trono, os apoios não ocorreram de imediato, pelo contrário: as elites dominantes visavam conseguir apoiadores, como comerciantes urbanos e agricultores de renome, o apoio das massas nesse processo não era de interesse para as elites imperiais. Para que o jogo político fosse formalizado, a elite que estava no topo do Império precisava criar acordos e reforçar a figura do imperador. Fausto traz à luz a restauração do Poder Moderador e

do Conselho de Estado, que foi um acontecimento importante para esse processo de atrelar as elites ao poder do imperador (2019, p.151). Dessa forma, o governo se assemelhava ao sistema parlamentarista, mas com peculiaridades.

É essencial refletir sobre a singularidade do sistema político brasileiro, pois mesmo com a Câmara e o conselho de Ministros, o imperador usava de suas atribuições para impor o que era do seu agrado, sendo o centro do poder político. Fausto evidencia que:

Houve casos em que a Câmara forçou a mudança de composição do Conselho de Ministros, mas o imperador detinha uma considerável soma de atribuições através do Poder Moderador e isso distingue o sistema político imperial do parlamentarismo. O imperador usava as prerrogativas do Poder Moderador, quando a Câmara não apoiava o gabinete de sua preferência. Nesse caso, com base no Poder Moderador, dissolvia a Câmara, após ouvir o Conselho de Estado, e convocava novas eleições. Como nas eleições o peso do governo era muito grande, o imperador conseguia eleger uma Câmara que se harmonizava com o gabinete por ele preferido (2019, p.155).

Schwarz e Starling complementam a ideia apresentada por Fausto ao ressaltar que, apesar do governo possuir um Conselho com ministros, senadores, e deputados – estes com menos poder que os anteriores –, o Poder Moderador estava integralmente nas mãos de D. Pedro II, “que lhe dava primazia de veto em várias instâncias” (2018, p.281). Ou seja, grosso modo, a política partidária era dividida de forma meramente protocolar, tendo uma grande importância por volta de 1830. Portanto, as diferenças partidárias existentes entre 1840 e 1850 se davam mais pela composição dos Ministérios.

As pautas realmente relevantes do partido Liberal iniciaram a partir da década de 1860, quando Machado de Assis estava iniciando sua jornada como folhetinista nos jornais. Isso é um ponto interessante a ser pensado, pois como folhetinista, Machado acompanhou todo o fervilhar político e estava engajado na discussão, nessas as diferenças partidárias se fizeram correntes no debate cotidiano brasileiro. Em 1861, por exemplo, Massa, principal biógrafo do autor nesse momento, expõe que Machado “assistiu regularmente às sessões do Congresso e particularmente às do Senado” (2009, p.262). Logo, se pensarmos as crônicas escritas por Machado desde a sua juventude, podemos observar que “a obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam a sua posição” (Candido, 2023, p.46), uma vez que o autor, além de estar na posição de jornalista, também estava politicamente engajado em levar as informações levantadas nas sessões do Congresso para os seus textos.

Desse modo, é válido ressaltar a importância da mídia jornalística no processo político brasileiro, como a busca por apoio e divulgação de ideias: o jornal fornecia esse espaço, que de pronto foi reconhecido como tal. Não só politicamente, mas a construção cultural brasileira também passaria pela disputa jornalística. Lúcia Granja (2015, p. 87) resalta que “os jornais

foram os suportes nos quais as elites locais expressavam o seu desejo de se apropriar das referências europeias para estabelecer sua ruptura com o passado colonial”. A ideia apresentada por Granja foi discutida, também, por Margarida de Souza Neves (1992), que reforça o quanto a institucionalização da República foi moldada a partir dos paradigmas europeus. Esses paradigmas eram reforçados e difundidos nas páginas dos jornais, que já apresentavam grande circulação.

Neves afirma que

As múltiplas associações entre “progresso”, “civilização”, “ordem”, “trabalho”, “saneamento”, “racionalidade” e “cidadania” se repetem como sinais do novo, em sua relação essencial com a República e o modelo cultural francês e seu caráter de superação das mazelas da colonização portuguesa, quase sempre associada aos conceitos opostos de “atraso”, “barbárie”, “desordem”, “ociosidade”, “doença”, “irracionalidade” e “anarquia” (1992, p.85).

E é nesse período tão conturbado político e culturalmente que um novo gênero literário, e jornalístico, exportado da França, ganha espaço nos folhetins brasileiros, gênero que acabou por auxiliar na “instauração de algumas práticas culturais derivadas da circulação de ideias, assim como em trocas materiais e simbólicas” (GRANJA, 2015, 88).

1.2. A crônica: das miudezas à crítica

Pensada para uma “publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha” (Candido, 1992, p.14), a crônica se mantém materialmente presente ao transcender os séculos e, ainda hoje, nos oferece uma base interessante para desbravar o passado da sociedade brasileira, principalmente se pensarmos nas crônicas machadianas. Sendo assim, mesmo que a crônica não tenha sido considerada um gênero de renome como o romance, mas, para Antonio Candido, ela tinha muito mais facilidade de se aproximar do seu leitor final, quase que humanizada (Candido, 1992, p. 13).

Marília Rothier Cardoso (1992, p.137) conceitualiza a crônica como um “texto leve, fluente e sintético, que forma o elo entre o passado (as linhagens medievais) e o presente (registro do instante, resgatado da voragem para a fama)”. Já Marlyse Meyer (1992, p. 98) destaca como a crônica, apesar do pouco espaço que possuía nos jornais, se desenvolveu a partir da necessidade do próprio jornal, um novo organismo voltado para o entretenimento.

Percebemos, então, que pequenez e leveza são particularidades da crônica, não como um desmerecimento ou com um desprezo pejorativo, mas pela proximidade linguística, uma intimidade facilmente construída pelo leitor, por tratar de eventos que faziam parte de seu dia a

dia. Além disso, a flexibilidade da crônica, como reforçado por Candido (1992, p.21), transporta o leitor do mundo real para o mundo da imaginação, e tendo um resultado interessante para compreender melhor a si e à sociedade. Portanto, é esse processo de transformação da literatura em algo íntimo que o jovem machado utilizará da "construção de ironias, humor, ao enquadramento do tempo presente em uma comédia divertida", resultando na consolidação dos seus textos como uma "experiência literária em versão íntima e cotidiana" (Granja, 2000, p.22).

Ao pensarmos nas crônicas como documento de seu tempo, Neves ressalta que elas “apresentam como ‘imagens de um tempo social’ e ‘narrativas do cotidiano’, ambos considerados como ‘construções’ e não como ‘dados’” (1992, p.76). Logo, por tratar de bisbilhotices e episódios miúdos, a crônica constitui um importante acervo sobre a sociedade carioca. A exemplo, podemos recorrer ao próprio Machado, que, em 1859 debatia a posição do funcionário público, na crônica "O empregado público aposentado", além da crítica ácida feita ao parasita literário, em “O parasita II”, do mesmo ano.

Em vista disso, é importante evidenciar as particularidades da crônica como gênero, considerando sua forma e, principalmente, a escolha do conteúdo. Para a construção da crônica, antes de tudo, se faz a seleção do que será dito e do que será abandonado no tempo. O tempo, nesse caso, é fundamental para a análise desse gênero literário. Para Neves,

a crônica aparece como portadora por excelência do “espírito do tempo”, por suas características formais como por seu conteúdo, pela relação que nela se instaura necessariamente entre ficção e história, pelos aspectos aparentemente causais do cotidiano, que registra e reconstrói, como pela complexa trama de tensões e relações sociais que através delas é possível conceber (1992, p. 82).

Em seu livro *Machado de Assis, escritor em formação (à roda dos jornais)*, Lúcia Granja (2000) reforça ainda mais a relevância de se observar a seleção dos assuntos discutidos pelo cronista. A autora afirma que

A crônica escolhe entre os diversos assuntos da semana aqueles que lhe oferecem maior interesse, reorganizando fatos nessa narrativa, evidência que não se pode negar. Nessa reorganização da realidade está presente a pena do cronista, que escolhe, reproduz, elege para o comentário esse ou aquele assunto (GRANJA, 2000, p. 27)

Assim, ao reorganizar os fatos, o cronista poderia conceder destaque às discussões que são mais significativas, trazendo o leitor para refletir e tomar conhecimento de tal. Essa relação entre obra, autor e o público é apontada por Candido como uma "relação inextricável" (2023, p.55), ou seja, estão entrelaçados de modo que não se pode desassociá-los. Logo, para Antonio Candido "o público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador" (2023, p.55).

Na introdução do livro *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, Sílvia Maria Azevedo (2012) pontua o “entusiasmo do jovem Machado com as tendências democráticas do jornalismo, mas também compreende o novo veículo de difusão cultural como instrumento promissor na profissionalização do homem de letras” (Azevedo, 2012, p.15). Logo, se levarmos em consideração a obra jornalística machadiana, retomando a crônica como um documento, proposto por Neves, Machado de Assis “deixou-nos sua visão do seu tempo vivido, sempre atravessada por esse magnífico amálgama de ceticismo e humor que lhe é característico” (1992, p.81). Sendo assim, a forma e conteúdo são fundamentais para entendermos a crônica e suas possibilidades como gênero, pois ela abre o debate sobre a relação entre ficção e história, uma vez que transita entre ambas.

Retomando a discussão proposta por Antonio Candido, enfatizada por Margarida de Souza Neves (1992), no livro *Crônica: o gênero e sua fixação e suas transformações no Brasil*, é preciso entender a crônica como um gênero que se mantém materialmente presente, trazendo à luz possibilidades para a compreensão da sociedade do Rio de Janeiro, que passava por mudanças constantes no que diz respeito à cultura, à divisão dos espaços e ao entendimento sobre si mesmo, desde a chegada da corte portuguesa em 1808. Portanto, é a partir das nuances, incômodos, e até mesmo bisbilhotices trabalhados nas crônicas oitocentistas, que conseguimos compreender as representações dessa sociedade.

No artigo *Um material do tempo: as crônicas machadianas*, Salete de Almeida Cara (2008) retoma a discussão iniciada anteriormente sobre as possibilidades apresentadas pela crônica, no que diz respeito ao conteúdo e estratégias linguísticas, para que se viabilize uma crítica ácida, ao mesmo tempo leve e rápida, da sociedade que cerca o cronista. Cara afirma que

[...] as crônicas ofereceram um campo de conteúdos e formas que Machado de Assis teve o poder de explorar com olho crítico. De modo que fazer crônicas foi, para Machado de Assis, um modo de mergulhar nas mediações já inscritas e dispostas naquele material, assim como na matéria brasileira (2008, p.117)

Outro ponto importante sobre a crônica é levantado pela autora no que se refere a falta de necessidade de se encaixar num âmbito normativo. Ou seja, a crônica dá a possibilidade do autor "enfrentar uma dialética particular entre forma e conteúdo" (Cara, 2008, p.16). Diante disso, notamos que, nas crônicas machadianas, não se anula o aspecto social em detrimento do estilístico ou da forma, eles atuam em conjunto, como poderemos observar na análise da crônica “Os fanqueiros literários”, presente nos próximos capítulos.

No artigo *A Cidade das Letras: Machado de Assis e a Construção da Metrôpole Textual*, a pesquisadora Nícia Cecília Ribas Borges Teixeira (2012) traça como Machado, a partir de suas crônicas, apresenta um olhar sobre o Rio de Janeiro muito singular, apropriando-se do

cotidiano para debater assuntos mais complexo, como o próprio impacto da Modernidade em solo nacional. Se as elites “inculcaram ao país modelos culturais europeus” (Teixeira, 2021, p. 117) durante o processo modernizador da Capital, isso não passou alheio aos olhos de Machado de Assis, mesmo em seu início de carreira, como poderemos ver no capítulo 3. Para Teixeira (2012)

A literatura, em especial as crônicas, foi particularmente sensível a estas mudanças, que atuaram diretamente sobre o *modus faciendi* do autor, fazendo emergir uma nova maneira de encarar a realidade circundante e refleti-la nas páginas dos livros, e, em especial, dos periódicos, tornando a escrita mais ágil, mais eletrizante e febril, pois as temáticas incorporam a nova realidade do progresso técnico. (Teixeira, 2021, p.118)

Assim, retornando a Antonio Candido (2023, p.19), percebemos que, para pensarmos a obra machadiana, a “interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte”. Nesse sentido, a literatura depende de vários fatores sociais para se constituir, afetando também na forma da obra literária, uma vez que o fator social interferirá na sua produção.

2. AS AQUARELAS MACHADIANAS

"O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo."

(Machado de Assis – O folhetinista)

O jornal *O Espelho*¹ foi a morada do escritor no apagar das luzes da década de 50, onde publicou a série de cinco crônicas denominada *Aquarelas*; são elas: "Os fanqueiros literários", "O parasita I", "O parasita II", "O empregado público aposentado" e "O folhetinista", publicadas em 11 e 18/09 e 9, 16 e 30/10/1859, respectivamente. Sobre o jornal, Massa (2009, p.213) afirma que, apesar do tom progressista apresentado pela revista para o período, ela ainda “solicitava a benevolência do imperador”, ao mesmo tempo que seus colaboradores também tinham como objetivo “disseminar a cultura”. As linhas editoriais d’*O Espelho* seguiam duas vertentes, sendo uma mais rígida, “que correspondia aos artigos que tratavam da miséria”; a segunda vertente era mais direcionada ao público das classes mais abastadas, sendo mais “amplamente representada por várias poesias” (Massa, 2009, p.213).

¹ O Espelho: Revista Semanal de Litteratura, Modas, Industria e Artes (RJ)

2.1. Os parasitas de Machado de Assis

As crônicas que compõem as *Aquarelas* apresentam um ponto em comum: o parasitismo social. Nelas, o narrador machadiano perpassa por diversos espaços da sociedade, fazendo uma análise sobre os organismos que neles habitam. Apesar dessa "longa e curiosa família"² de parasitas, que apresentam uma grande diversidade, enfatizada principalmente na crônica "O parasita I", publicada em setembro de 1859, há um espaço, em meio a tantos citados nas crônicas, que parece receber um pouco mais de atenção por parte do narrador: o espaço literário. Ele aparece em 3 crônicas, diretamente, sendo elas "Os fanqueiros literários", "O parasita II" e "O folhetinista".

Para pensarmos sobre os parasitas, algumas vezes retratados como agregados nas obras posteriores, Castelar de Carvalho (2019), em seu livro *Dicionário de Machado de Assis; língua, estilo, temas*, tece um comentário interessante para compreendermos o papel destes no universo ficcional criado por Machado de Assis:

Esses personagens retratam o aspecto senhorial e paternalista da sociedade da época, mas também representam uma espécie de vingança de Machado de Assis contra esse tipo de gente, com quem ele implicava desde os vinte anos, quando escreveu sua primeira crônica, em 18/9/1859, justamente intitulada "O parasita" (2019, p.440)

A importância da análise das crônicas de Machado se dá pela relação entre os fatores sociais e a construção da obra literária: o fator social, seja ele com cunho intencional ou não, é fundamental para a sua produção literária. Pensando nisso, podemos refletir sobre o valor da crônica no século XIX. Como dito anteriormente, Candido (1992) destaca a crônica como um gênero de proximidade, pois ela se dá de forma clara para quem a lê. Reforçando o debate iniciado por Candido, Sonia Brayner (1992, p.412) expõe como as crônicas "fazem passar de forma sutil e imprevisível suas afirmações sobre fatos na forma fácil do diálogo com um leitor imaginário que se instala dentro do texto, ou, até mesmo, teatralmente, na estrutura dialogal de sua organização".

Em *Literatura e Sociedade*, Antonio Candido (2023) ressalta como o externo ao texto não pode se dissociar da forma, ou, dito de outra maneira, o elemento interno desempenha, com efeito, um papel primordial na constituição da obra em si. Por isso, a crônica permite um espaço favorável para a construção da crítica formulada pelo autor. Já Iasmin Ferreira (2020, p.12), em sua dissertação *Aquarelas Machadianas: pincéis luciânicos, cores brasileiras*, pontua como o cronista "correlaciona a conjuntura brasileira às condições de sobrevivência, seja biológica

²ASSIS, Machado de. Todas as crônicas: volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021, p. 18

(alimentar-se), seja social (o alcance do espaço)”. Logo, é válido levar em consideração que, mesmo feita de forma leve, como pede em tese o gênero, o narrador usa de sua pena para sinalizar aspectos sociais que o incomodavam.

3. "OS FANQUEIROS LITERÁRIOS"

*"Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituiu as numerosas liberdades, conquistadas duramente, por uma única liberdade sem escrúpulos: a do comércio."
(Karl Marx e Friedrich Engels – Manifesto Comunista)*

A crônica acabara de chegar no Brasil em um momento de mudança: o Rio de Janeiro sofria um processo de urbanização dos espaços, sendo Paris o seu principal modelo. Todo esse movimento impactou não só o ambiente, como também a vida cultural da cidade, tendo grande destaque a rua do Ouvidor, como a materialização da França no Império. A rua, tão referenciada nas obras do próprio Machado de Assis, se tornou o "símbolo dileto dessa nova urbanidade, segundo a qual se pretendia viver nos trópicos como nos bulevares europeus" (Schwarcz; Starling, 2018, p.277). Tal espaço proporcionou o crescimento do comércio local, além da socialização para tratar dos mais diversos assuntos: política, literatura, comércio e artes.

A escolha de Machado de Assis em tratar do comerciante como o primeiro parasita trabalhado nas *Aquarelas* não se dá sem propósito, uma vez que é relevante levar em consideração a mudança sociocultural no Rio de Janeiro a partir da presença destes comerciantes na nova rotina da cidade. Se a ideia era tornar a capital do novo Império numa espécie de "Paris burguesa" (Schwarcz; Starling, 2018, p.276), o caminho estava sendo trilhado com certo sucesso, e isso não passou despercebido pela pena do cronista. Utilizando-se da sátira, ainda não tão refinada quanto veríamos em romances como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o autor tira sarro, contesta, usa de analogias e recorre à literatura clássica e à Revolução Industrial para construir uma "crítica do funcionamento do país escravocrata e sua inserção no mundo" (Cara, 2008, p.114), tomando o fanqueiro como um dos agentes pelas mudanças ocorridas no âmbito literário.

Em "Os fanqueiros literários", Machado traz à luz o ofício do escritor, advogando pelo direito criativo e a "faculdade caprichosa"³ das massas em escrever conforme sua inspiração, que vai pelo caminho oposto à faculdade produtiva – esta que já era uma realidade em Paris no

³ (ASSIS, 2021, p. 17)

âmbito do teatro⁴, segundo o narrador. Essa reflexão está presente, também, na Revista de Theatros, no número 15 do jornal *O Espelho*, onde o autor afirma que não tem “a arte pela arte, mas a arte como toma Hugo, missão social, missão nacional e missão humana”. Logo, pensar sobre o empecilho da atividade da escrita, concretizado na figura do fanqueiro literário, mostra a consciência do autor sobre as semelhanças criadas entre Rio de Janeiro e Paris. Se antes o escritor era movido pela inspiração, agora os despropósitos que geram lucro serviram de inspiração às musas fanqueiras, a ponto de sugerir uma inquisição literária para acabar com tal “ópio encadernado”⁵.

3.1. O prosador novato

Na crônica “Os fanqueiros literários”, publicada em 11 de setembro de 1859, o cronista propõe, em tom de julgamento e juízo de valor, uma discussão sobre o ser denominado de “fanqueiro literário”. Nessa discussão, conhecemos tal organismo e como ele prejudica, no ponto de vista do narrador, a escrita, ou o fazer literário, na sociedade.

A crônica inicia com o narrador nos situando sobre o que será abordado no texto. O parágrafo é breve, mas nos dá o panorama tanto do assunto quanto do ponto de vista que será defendido no decorrer da obra. A princípio, nos deparamos com um narrador-cronista de afirmações e negações definitivas. No que diz respeito ao narrador machadiano, nesse contexto, já podemos notar algumas semelhanças que se apresentarão posteriormente nas obras pós 1880, trazendo características importantes, como o uso do contraste para construir a narrativa e, principalmente, sua crítica a partir da sátira, com a necessidade de trazer à luz questões que impactam diretamente a sociedade, a partir de um “desejo de afronta e liquidação, tudo atenuado, ou agravado, pela frivolidade da dicção” (Schwarz, 2012, p. 21).

A pesquisadora Lúcia Granja também reforça essa ideia em sua tese de doutorado, ao afirmar que “Machado de Assis desenvolveu, a partir dessas primeiras crônicas, alguns recursos ou técnicas do fazer literário, assim como explorou assuntos, que estariam presentes em sua obra de ficção” (1997, p.12). Portanto, para além das afinidades presentes entre sua escrita juvenil e a escrita madura, as crônicas se transformaram em um laboratório onde o autor exerceria uma crítica social a partir dos seus textos.

⁴ Ibidem.

⁵ (ASSIS, 2021, p. 17)

De acordo com Walter Benjamin (2012) em *Magia, técnica, arte e política*, a narrativa apresenta um parentesco entre o senso prático e sua natureza verdadeira. Podemos observar que o narrador, em “Os fanqueiros literários”, exhibe esse senso prático, o qual é ressaltado como algo da natureza do narrador estar em diálogo com seu ouvinte, dando dicas, conselhos e ensinamentos – considerando esse narrador, e essa experiência, que Benjamin aborda, que não é propriamente o narrador do texto literário. Na crônica, fica evidente esse caráter mais utilitário do narrador, uma vez que ele, em vez de falar sobre qualquer outro assunto da semana, escreve sobre o fanqueiro literário. Essa escolha leva em consideração o cotidiano, fazendo com que alguns assuntos sejam escolhidos em detrimento de outros.

Retomando a tese de doutorado de Lúcia Granja (1997), a autora enfatiza como Machado constrói esse narrador de modo a utilizar da leveza para prender a atenção do leitor, mesmo tratando de assuntos que seu interlocutor, provavelmente, já sabe. Portanto, o narrador não necessita de muito, apenas de duas sentenças, para dar o panorama da crônica e ter o leitor em suas mãos.

Notamos, então, que esse narrador, atrelado à escolha da crônica como gênero, ajuda “a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas” (Candido, 1992, p.14), colocando “na berlinda o prestabelecido, a permanência inquestionável dos conceitos e valores” (Brayner, 1992, p.413). Para corroborar a ideia, retomamos a ideia de Salete de Almeida Cara (2009, 2008, p.16), que evidencia o uso da crônica como uma possibilidade dialética para trabalhar forma e conteúdo, principalmente pela flexibilidade do gênero, que não se encaixa normativamente em nenhum campo. Logo, o caminho escolhido pelo autor contribui para a crítica ácida feita não só na crônica aqui estudada, mas em todo o conjunto *Aquarelas*.

3.2. Um tipo curioso

Partimos, agora, para a análise da crônica em si, motivada pela necessidade de compreensão da crítica do narrador ao comerciante literário de sua época.

Não é isto uma sátira em prosa. Esboço literário apanhado nas projeções sutis dos caracteres, dou aqui apenas uma reprodução do tipo a que chamo em meu falar seco de prosador novato — fanqueiro literário (ASSIS, 2021, p. 16).

No primeiro parágrafo da crônica, o narrador deixa claro do que não se trata o texto que está por vir – uma sátira – além de ressaltar que, como um "prosador novato", ele apenas trará reproduções do que chama de fanqueiro literário. De imediato, podemos colocar em xeque a confiabilidade desse narrador, dado que ele desconversa sobre sua opinião acerca do fanqueiro,

sendo resultado do esboço decorrente de um levantamento das informações, dando a entender que tudo que dirá em seguida é uma repetição, talvez de senso comum, do tipo que ele irá denominar de "fanqueiro literário".

Por meio desse trecho percebemos que, mesmo fazendo malabarismos para que o leitor não entenda o seu escrito como opinião própria – e, sim, uma reprodução –, o narrador dá ao tipo um nome carregado de significado, e não dos melhores. Fanqueiro, em sua primeira aparição no dicionário, quer dizer um comerciante de tecido, mas o significado não se esgota nesse ponto. Há também o significado pejorativo desse substantivo, ou da fancaria, que representa um trabalho feito com pouco esmero, cuidado, que visa, apenas, o lucro. Portanto, apesar do dito "reprodução", ao nomear o tipo de “fanqueiro”, podemos observar um juízo de valor por parte do narrador. Isso se repete, em boa medida, no segundo parágrafo:

A fancaria literária é a pior de todas as fancarias. É a obra grossa, por vezes mofada, que se acomoda à ondulação das espáduas do paciente freguês. Há de tudo nessa loja manufatora do talento — apesar da raridade da tela fina; e as vaidades sociais mais exigentes podem vaziar-se, segundo as suas aspirações, em uma ode ou discurso parvamente retumbantes. (ASSIS, 2021, p. 16)

O parágrafo assemelha-se ao anterior no que diz respeito à estrutura. Apesar do primeiro parágrafo ter iniciado com uma negação, sobre do que (não) se tratava o texto, no segundo parágrafo temos uma afirmação que não deixa muito espaço para o leitor discordar. Granja (2000, p.26) destaca essa estratégia do narrador como a busca em “criar um poder sobre o leitor no jogo de exposição de suas ideias”, ou seja, o tom usado para retratar a fancaria visa “auxiliar a imposição das ideias”. Ao afirmar que "A fancaria literária é a pior de todas as fancarias", o narrador não usa somente o grau de comparação com o adjetivo "pior", mas ele enfatiza a opinião com o uso da expressão "de todas", dando uma amplitude à crítica feita ao ofício da fancaria – como também deixa a sensação ao leitor de que ele conhece o comércio em sua totalidade.

Ao passo que o narrador-cronista explica do que se trata a fancaria, ele já atribui ao ofício um juízo de valor, e de maneira negativa. O uso dos adjetivos negativos, como “grossa” e “mofada”, reforçam essa abordagem, e dá continuidade no período seguinte. Além do aspecto depreciativo apresentado no início do parágrafo, o narrador trata a fancaria literária como uma “loja manufatora do talento”, ou seja, traz ao leitor um caráter fabril e, principalmente, mecânico do talento, especificamente do talento da escrita.

No texto *Marxismo e Teoria da Literatura*, György Lukács (1968) pontua sobre como as leis do mercado dominam o artista, assim como dominam o produtor de mercadorias. O narrador machadiano, aqui, concebe o escritor como um produtor, uma vez que existe um

fanqueiro literário para ditar um ritmo de escrita, transformando o talento em um sistema fabril. A partir desse trecho, o narrador-cronista dá à crônica o tom que se desenvolverá no decorrer do texto, será debatida, então, a transformação da escrita em algo mecanizado e a comercialização, ou a mercantilização, da literatura.

Há de se refletir que, mesmo se auto intitulado como “prosador novato”, um principiante no ofício, o narrador mostra sua visão crítica sobre o lado mais, digamos assim, industrial e mecânico da escrita. Lukács (1968, p.262) ressaltou que “a evolução capitalista transformou em mercado, numa medida cada vez maior, as relações entre o público e todas as produções artísticas”. Percebemos a tentativa constante e, acima de tudo, a necessidade do narrador em mostrar o quanto o fanqueiro é algo negativo, pois organiza seu trabalho para obter lucro, enquanto a arte se torna, no mínimo, questionável.

Pensando no fazer literário mecanizado, o narrador critica o impulso da escrita ser o fanqueiro literário, não mais a inspiração ou a necessidade pessoal de uma escrita. Já no ponto da literatura como mercadoria, ele resalta o lucro acima da qualidade da escrita. Os dois pontos andam juntos na crítica composta em “Os fanqueiros literários”. Essa clareza do narrador é fundamental, pois mostra uma visão ampla do trabalho literário, desde a sua produção até a chegada ao leitor, apresenta, de fato, faces de um pequeno sistema literário. No trecho “Há de tudo nessa loja manufatora do talento – apesar da raridade da tela fina”, podemos notar uma extrapolação e exagero ao afirmar que “há de tudo”, ao mesmo tempo, o uso da característica mercadológica no que diz respeito à variedade de produtos que podemos encontrar nessa loja, porém com uma qualidade questionável. Já em “raridade de tela fina” observamos a oposição direta da fancaria literária retratada pelo narrador, com “é a obra grossa”. Aqui, a oposição nos adjetivos é iniciada, uma característica presente no decorrer d’*Os fanqueiros literários*, mas também no decorrer do conjunto de crônicas *Aquarelas*.

Roberto Schwarz (2012, p.22) menciona em relação ao narrador machadiano maduro que “o revezamento das poses é sem transição, um exercício de volubilidade, e o resultado literário depende da viveza e frequência dos contrastes”. Na crônica, o narrador procura apresentar esses contrastes entre a situação antes e depois do fanqueiro literário. Como esse comerciante deturpa, na visão do narrador, de alguma forma o trabalho: claramente há um antes e depois, com, talvez, uma idealização sobre esse antes. Podemos notar que o uso dos adjetivos nesse parágrafo auxilia na construção depreciativa, não dando espaço para o leitor pensar diferente do narrador quando se trata da fancaria literária. Pelo discurso do narrador ser bastante objetivo, podemos pensar no quanto o gênero crônica possibilita esse tipo de abordagem, uma vez que ele acaba por fazer parte do dia a dia do leitor.

O narrador-cronista segue fazendo suas críticas ao fanqueiro, trazendo para o debate o autor português árcade José Daniel⁶ como um "apóstolo da classe" de escritores de seu tempo. A reflexão se dá a partir de como era feita a "comercialização" da literatura no tempo do árcade, onde a literatura era comercializada na feira, direto com o autor, enquanto o fanqueiro não passava de um "adelo ambulante da inteligência", ou seja, um vendedor de coisas usadas, que ia de "feira em feira, trocar pela enzinavrada moeda o pratinho enfezado de suas lucubrações literárias" (Assis, 2021, p.17). Não dando-se por satisfeito, o narrador segue criticando a audácia do fanqueiro em suas atividades no passado, que seguia indo cada vez mais longe, mostrando que esse espécime, além de apresentar suas "especulações pouco airosas", isto é, pouco elegante, ainda "levava o atrevimento a ponto de satirizar os próprios fregueses" (Assis, 2021, p.17). Compreendemos, então, que o narrador-cronista, a partir do seu levantamento histórico, passa uma falta de caráter do fanqueiro, que faz parte desse comerciante desde muito antes a sua crítica do presente, feita na crônica.

A busca pelo lado histórico do fanqueiro não está na crônica exclusivamente para entendermos que há elementos questionáveis nesse comerciante, mas também para o debate sobre a modernidade. O fanqueiro moderno aprimora ainda mais o seu comércio e suas táticas. Este já não vai mais à feira, pois se trata de uma vergonha para ele. Do ponto de vista do narrador, "não se prepara hoje o folheto de aplicação moral contra os costumes. A vereda é outra; exploram-se as folhinhas e os pregões matrimoniais e as odes deste natalício ou daquele despropósito. Nos despropósitos é então um perigo" (Assis, 2021, p.17). Aqui, há o alerta aos despropósitos, mas não só isso, como também é utilizado o uso das palavras "folheto" e "folhinhas". Se antes eram feitos folhetos, agora a vereda é a "exploração de folhinhas". O uso do diminutivo não é algo isolado, como notamos em outras partes da crônica, mas, nesse trecho, podemos observar que o emprego do diminutivo "se presta ao uso irônico e humorístico", importantes aspectos estilísticos da escrita machadiana (Carvalho, 2019, p.257). Logo, apesar de todo o alerta, a partir do uso do diminutivo já conseguimos perceber a falta de mérito nesse novo momento.

É válido levar em consideração a visão de Machado, na década de 1850, sobre a literatura como missão, uma característica que se repete em seus textos publicados no *Espelho*.

A literatura permanece a serviço da humanidade. Por meio de expressões firmes que sua pena encontrava naturalmente, sente-se quanto Machado de Assis se achava persuadido de que o jornalista estava investido de uma função, de uma missão determinante na sociedade. (MASSA, 2009, p.260)

⁶ ASSIS, Machado De. Aquarelas I. Os fanqueiros literários. Machadiana Eletrônica, vol. 6, no.11, p. 109–114, Jan. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/machadiana/article/view/37250>

Para Machado, durante a sua juventude, a literatura estava diretamente ligada à missão do dramaturgo, ou seja, deveria ter um propósito para existir, tanto que o despropósito é tratado como perigo. Mesmo tratando a questão com certa comicidade, o autor atribuiu um sinal de alerta para o que vinha sendo escrito nas “folhinhas”. Antonio Candido nos fala sobre os estímulos da criação literária⁷ ao elaborar as 3 funções para a literatura escrita: função total, função social e função sociológica⁸, que acaba por dialogar com a preocupação expressa pelo narrador.

Portanto, a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da *ilusão* e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão de mundo. (Candido, 2023, p.73).

O narrador trata a situação como uma “calamidade literária” e direciona a reflexão para os Deuses gregos, ao zombar da audácia do fanqueiro que se julga “motivo de cuidados do Pindo⁹ – assim como pretensões a semideus da Antiguidade” (Assis, 2021, p. 16). Ao recorrer às musas¹⁰, grandes responsáveis pela inspiração na literatura clássica, o narrador trata a escrita como algo divino, que acaba por ser corrompida pelo fanqueiro. Larissa Dantas Camargo Mello (2023) em seu artigo *A invocação das Musas e o encantamento do mundo* pontua que o poeta é concebido na “encruzilhada entre as forças fundantes, a palavra viva do mito e o acontecer da vida” e que “sem a inspiração das Musas que são o ponto convergente da palavra viva em canção, e a canção em presença” (MELLO, 2023, p. 176). Portanto, ao se apoiar no conceito do clássico para confrontar o novo modo de fazer literatura, procura apresentar a perda da essência da escrita.

Por conseguinte, o poeta, inspirado pelas Musas, opera os tempos (passado, presente e futuro) de modo homogêneo num compasso ternário e canta a música polifônica da realidade de maneira dinâmica onde as dimensões do poder e da memória, unidos, reelaboram e elaboram os seres. (MELLO, 2023, p. 178)

⁷ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Todavia, 2023, p. 57

⁸ A função total diz respeito ao simbólico e às representações. A função social se relaciona com o estabelecimento das relações sociais, manutenção ou rompimento com a ordem social vigente, e a necessidade material e espiritual. Por fim, a função sociológica refere-se ao sistema de ideias, que pode ser abraçado ou não pelo público leitor. (CANDIDO, 2023, p.63).

⁹ Monte situado na Grécia consagrado a Apolo e às musas.

¹⁰“As Musas, habitadoras do ‘grande e divino monte Hélicon’ (HESÍDIO, 2017, p.103), desempenharam um papel cardinal na tradição e no desenvolvimento da poesia na Grécia Antiga. Reverenciadas como fonte de inspiração, eram admiradas, também, como fonte divina da criatividade e do conhecimento artístico”. (MELLO, 2023, p.168)

O narrador-cronista faz um longo percurso histórico-cultural para analisar o fanqueiro e seus impactos culturais, fazendo paralelos para mostrar as diferenças do antes e do seu tempo presente. O uso de referências que remetem à mitologia grega e à tragédia mostram a facilidade com que o jovem Machado trabalhava a intertextualidade para dar vida ao seu texto, resultando na construção de uma reflexão acerca da desilusão consequente da fancaria. O poeta, assim como o cronista, apresenta um poder semelhante da reorganização do tempo, cantando ou contando uma realidade própria, seja pelo poder da memória, seja pelo poder da verdade imaginada. Ora, se o objetivo agora era o lucro, não havia mais tanto espaço para a imaginação ou sequer para o resgate da memória; ou como o narrador prefere colocar: “por muito consistente que sejam essas ilusões, caem sempre diante das consequências pecuniárias”, completando com a crítica ácida aos banqueiros que “são então os arquétipos da virtude sobre a terra; tese difícil de provar” (Assis, 2021, p. 17).

O tom da sátira e crítica na crônica se torna cada vez mais incisiva, uma vez que o narrador lamenta a falta de uma “inquisição literária”¹¹. Aqui há a escolha de um vocabulário que ressalta a aversão ao tipo de livros que eram vendidos pelo fanqueiro literário. O narrador chega a vislumbrar o fim desses livros em uma fogueira inquisitorial, fazendo alusão à Santa Inquisição que, para o narrador, traria fim a essa classe. Outra escolha vocabular interessante vem do uso do substantivo “ópio”, podendo retomar seu uso histórico como analgésico, assim como o vício. Além disso, seguido de “ópio” temos o adjetivo “encadernado”, o que se refere diretamente ao livro. Assim, a hipótese é que o narrador via a fancaria literária como um processo alienante do trabalho, nesse caso, um fazer literário, como também para aqueles que consomem a literatura nesse processo; os leitores (ou consumidores) desse tipo de literatura também poderiam ser afetados, tornando um vício, uma alienação que se retroalimenta.

No livro *A teoria da alienação em Marx*, István Mészáros (2016) pontua a alienação como um ponto de empobrecimento da produção artística. Esse processo está diretamente ligado ao que ele chama de “estímulo à produção”¹², que torna a arte um objeto comercial, ou seja, que em sua essência precisa gerar lucros. Segundo o autor, “fica claro que, se a obra de arte for consumida como um objeto comercial, o ‘estímulo à produção’ criado por esse tipo de consumo é um estímulo que produz objetos comerciais (isto é, produz mercadorias)” (Mészáros, 2016, p.188). A crítica tecida no decorrer da crônica debate justamente essa perda de qualidade das obras, uma vez que o fanqueiro, no decorrer de sua evolução como “espécie”, aprimora as

¹¹ (ASSIS, 2021, p.17)

¹² (MÉSZÁROS, 2016, p.188)

formas de se lucrar com a literatura. É como, pensando com Adorno e Horkheimer (1985, p.100), se autor fizesse um diagnóstico de uma forma primitiva de indústria cultural se estabelecendo no meio de imprensa naquele momento.

O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada em si mesma. (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 100)

O narrador retoma a discussão acerca da industrialização no âmbito literário e seu processo alienante no “Mas cá as espera o fanqueiro. Nada! o talento é uma simples máquina em que não falta o menor parafuso, e que se move ao impulso de uma válvula onipotente” (Assis, 2021, p. 17). Ao tratar do talento como uma simples máquina, é possível compreender, de certa forma, a desumanização da arte e ofício do escritor, nesse caso. Se antes o escritor era movido por sua criatividade, “operando ao impulso da inspiração”, agora quem o impulsiona é a válvula da necessidade do mercado. Para o narrador, esse é o cair de todas as ilusões.

Acontece com o talento o mesmo que acontece com as estrelas. O poeta canta, endeusa, namora esses pregos de diamante do dossel azul que nos cerca o planeta; mas lá vem o astrônomo que diz muito friamente: – Nada! isto que parece flores debruçadas em mar anilado, ou anjos esquecidos no transparente de uma camada etérea, – são simples globos luminosos e parecem-se tanto com flores, como vinho com água. (Assis, 2021, p.17)

O narrador segue advogando pelo escritor, e até mesmo pelas massas em geral, que deseja exercer a escrita. No trecho “Até aqui as massas tinham o talento como uma faculdade caprichosa, operando ao impulso da inspiração, santa sobretudo em todo o seu poder moral.” (Assis, 2021, p.17), ele ressalta o talento, mostrando-o como uma “faculdade caprichosa”. O adjetivo “caprichoso” pode seguir dois caminhos, tanto algo que se faz de maneira cuidadosa e elaborada, mas também pode carregar o significado de algo que é inconstante, que pode variar, que pode mudar. Além disso, o narrador traz como foco aqui o quanto essas massas lidam ou lidaram com a inspiração para conceber seus escritos. A inspiração os impulsionava na escrita. Então, temos, mais uma vez, a temática da literatura como missão. Na biografia de Massa (2009), *A juventude de Machado de Assis*, o autor relata que o jovem Machado tinha essa visão de que uma literatura “sem propósito” o incomodava bastante, principalmente quando se percebe o lucro gerado a partir do ópio encadernado. As alterações financeiras do fanqueiro também não passam despercebidas: “o fanqueiro literário tem em si o termômetro das suas alterações financeiras; é a elegância das roupas. Ele vive e trabalha para comer bem e ostentar” (Assis, 2021, p.17).

“O fanqueiro literário é uma individualidade social e marca uma das aberrações dos tempos modernos. Esse moer contínuo do espírito, que faz da inteligência uma fábrica de Manchester, repugna à natureza da própria intelectualidade. Fazer do talento uma

máquina, e uma máquina de obra grossa, movida pelas probabilidades financeiras do resultado, é perder a dignidade do talento, e o pudor da consciência” (Assis, 2021, p.18)

O trecho em destaque, presente no final da crônica, é o mais potente de todos. O autor escolhe o adjetivo “aberração” para retratar a modernidade, algo fora do padrão, e utiliza do fanqueiro para personificar as adversidades dos tempos modernos. A precária modernidade brasileira nesse momento se deu de maneira forçada, tendo a França como seu maior modelo, e, aos olhos de Machado de Assis, ela não era de forma alguma benéfica, tanto que a temática seguirá presente, com complexas mudanças de perspectivas, em suas crônicas posteriores, ou até mesmo em contos e romances. O fanqueiro literário, como personagem de destaque na crônica, procura elucidar justamente as mudanças estruturais sofridas no Rio de Janeiro, porém focadas no âmbito do comércio literário já no momento de produção da crônica, o final da década de 1850.

A pesquisadora Thaís Bartolomeu Barcellos (2023), em sua tese de doutorado *A crônica de Machado de Assis e a modernidade encenada na Belle Époque carioca*, pontua como a “encenação da modernidade e progresso” (BARCELLOS, 2023, p. 63) foi reconhecida por Machado de Assis.

Na modernidade as mudanças surgem em função das demandas de uma sociedade moderna e não de antemão como para forçar o aparecimento de tal sociedade. Novos hábitos surgem empiricamente e não por imposição; tem a ver também como adaptar-se a um novo ritmo relacionado ao florescimento da indústria e do comércio (BERMAN, 2016). No contexto da Belle Époque Carioca, as transformações ocorridas não surgem como fruto de mudanças sociológicas profundas, o Brasil não havia nem mesmo experimentado ainda a Revolução Industrial como na Europa. (BARCELLOS, 2023, p. 64)

Não é por acaso que, ao mesmo tempo em que o Brasil não havia passado pela sua Revolução Industrial, como aponta Barcellos, Machado use especificamente a comparação da inteligência a uma fábrica de Manchester, berço da Revolução Industrial inglesa. É nesse parágrafo da crônica que o autor retoma, de maneira ainda mais ácida, o debate sobre o fazer artístico. Isso se dá, primeiramente, no trecho “moer contínuo do espírito”, ou seja, de certa forma, a essência artística é minada em prol de um comerciante e/ou comércio. Ao tratar o fanqueiro literário como uma “individualidade social”, mais uma vez é possível dialogar com a alienação apresentada por Karl Marx e desenvolvida por Mészáros.

Quanto mais a produção for concebida e levada a cabo como subordinada ao consumo individual, tanto mais pobre está fadada a tornar-se (movendo-se no círculo estreito de talvez meia dúzia de “bens de consumo de em massa”). Em contrapartida, quanto mais pobre se torna a produção, tanto maior o empobrecimento humano, que, por seu turno, volta a ter um efeito empobrecedor na produção — e assim por diante. (Mészáros, 2016, p. 189)

Em seguida, o narrador ressalta: “faz da inteligência uma fábrica de Manchester”, deixando ainda mais evidente a crítica à industrialização da arte, ou da intelectualidade. O trecho é extremamente importante para a reflexão de como se davam os processos da modernidade no aspecto literário, como também das publicações nos jornais. Quem eram essas pessoas, ou esses processos de produção, que ditavam e transformavam a inteligência do indivíduo em uma máquina? O “fazer do talento uma máquina” é sintomático, pois reforça, mais uma vez, a desumanização do escritor. E, se antes o autor não falava de “mercado” com todas as letras, usando apenas da figura do comerciante, aqui o narrador traz o talento transformado em máquina, que será movido pelos resultados financeiros. Em 1859, Machado já procurava compreender a desumanização do artista, assim como compreendia a desumanização, resultando na perda de dignidade, já que o escritor teve, segundo seu argumento na crônica, seu talento esvaziado. Não há a invocação à Musa da antiguidade, apenas à musa fanqueira - não há o tempo de respiro e o espaço para mudanças.

Essa disputa de ideias entre a mercantilização da literatura e a autenticidade/liberdade do autor é um traço importante da crônica. O narrador, pelo tom apresentado no decorrer do texto, procura apresentar um tipo de denúncia; podemos pensar isso até mesmo pela forma escolhida ser a crônica. Também é uma escolha do autor trazer esse assunto específico na crônica, um gênero, como vimos, extremamente passageiro, que no dia seguinte serve como papel de embrulho. O lucro, aqui, está em primeiro lugar, deixando o aspecto artístico de lado – a literatura como missão se esvai nesse processo. Da mesma forma, entra a discussão da perda da dignidade dos autores, transformando o talento em algo mecânico, fabril. A qualidade artística é escanteada, dando a relevância aos interesses comerciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do percurso de análise proposto, percebemos que, para além das críticas explícitas traçadas pelo narrador para o processo de comercialização da literatura a partir do fanqueiro literário, também notamos a construção de uma crítica literária voltada à produção literária de seu tempo. A ideia de literatura como missão aparece de maneira constante, uma vez que o autor mostra compreender as disputas que estão em jogo: a liberdade criativa e a dignidade do escritor.

A desilusão causada pela modernidade, no ato de ruptura com o antigo, faz cair por terra a idealização da literatura como missão, uma vez que, agora, o lucro estava em primeiro lugar. Nesse ponto, compreendemos um fator importante no diagnóstico feito por Machado de Assis sobre o momento vivido: uma crítica à Indústria Cultural, ainda primitiva para seu tempo. Não nos cabe investigar, no âmbito de uma monografia, qual é o grau de transformação que acontecia na produção literária no momento de escrita da crônica, porém nos atentamos a esse aspecto e pretendemos investigá-lo em breve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max; **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ASSIS, Machado de. **Aquarelas I**. Os fanqueiros literários. *Machadiana Eletrônica*, vol. 6, no.11, p. 109–114, Jan. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/machadiana/article/view/37250>

ASSIS, Machado de. **Todas as crônicas**: volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro (orgs.). **Machado de Assis**: crítica literária e outros textos. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

BARCELLOS, Thaís Bartolomeu. **A crônica de Machado de Assis e a modernidade encenada na Belle Époque carioca**. 2023. 109 f. Tese (Doutorado em Estudos de Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012

BRAYNER, Sonia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: CANDIDO, Antonio (et. al.). **Crônica: o gênero e sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992; p. 407 – 417.

CANDIDO, Antonio. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Ed da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do- chão. In: CANDIDO, Antonio (et. al.). **Crônica: o gênero e sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992; p. 13 – 22.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2023. p. 15-35.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Todavia, 2023.

CARA, S. de A. UM MATERIAL DO TEMPO: AS CRÔNICAS MACHADIANAS. **Via Atlântica**, [S. l.], v. 1, n. 13, p. 113-122, 2008. DOI: 10.11606/va.v0i13.50258. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50258>. Acesso em: 22 abr. 2023.

CARDOSO, Marília Rothier. Moda da crônica: frívola e cruel. In: CANDIDO, Antonio (et. al.). **Crônica: o gênero e sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992; p. 137 – 152.

CARVALHO, Castelar de. **Dicionário de Machado de Assis; língua, estilo, temas** (Portuguese Edition). Lexikon, 2019. Edição do Kindle.

CASTRO, M. A. de. MACHADO DE ASSIS E A MODERNIDADE. **Letras**, [S. l.], n. 3, p. 21–25, 1992. DOI: 10.5902/2176148511420. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11420>. Acesso em: 4 jul. 2024.

Rio das Ostras, v. 26, n. 1, pp. 194-202, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/542>. Acesso em: 26 abr. 2024

DANTAS CAMARGO MELLO, L. A invocação das Musas e o encantamento do mundo . **Sacrilegens** , [S. l.], v. 20, n. 1, 2023. DOI: 10.34019/2237-6151.2023.v20.41385. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/41385>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Dicionário do pensamento marxista. Zahar, 2021.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**; Colaboração de Sérgio Fausto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

GRANJA, L. Crônica. Chronique. Crónica. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 1, n. 38, p. 86–100, 2015. DOI: 10.18309/anp.v1i38.837. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/837>. Acesso em: 9 jun. 2023.

GRANJA, L. **Machado de Assis, escritor em formação (à roda dos jornais)**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2000.

GRANJA, Lúcia. **A roda dos jornais (e teatros): Machado de Assis, escritor em formação**. 1997. 325f Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1585348>. Acesso em: 8 mar. 2023.

LUKÁCS, György. **Marxismo e Teoria da Literatura**. Editora Civilização Brasileira, 1968.

MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual**; tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. - [2. ed. revista]. - São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MAYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, Antonio (et. al.). **Crônica: o gênero e sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992; p. 93– 133.

MÉSZÁROS, István. Aspectos estéticos. In: MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2016.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio (et. al.). **Crônica: o gênero e sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992; p. 75 – 92.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Maria Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

TV BOITEMPO. O QUE É ALIENAÇÃO? | **#LéxicoMarx com Ricardo Antunes**. YouTube, 15 de janeiro de 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VR4kD_9kY4M Acesso em: 06 de março de 2024.

Textos de jornais

O Espelho, n.15, 11.12.1859. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700037&pasta=ano%20185&pesq=&pagfis=177>